

APRESENTAÇÃO

Ao publicarmos a chamada para o número 15.2 da revista *Metamorfoses*, pretendemos promover um profícuo diálogo interartes nas literaturas de língua portuguesa para crianças e jovens. Acorreram ao nosso chamado pesquisadores e leitores críticos dessas literaturas, sempre com o firme propósito de não apenas divulgar textos contemporâneos, que ocupam as prateleiras das livrarias, mas também aqueles que deram os passos iniciais a caminho de uma emancipação dessas literaturas ou com a adaptação a novos meios de expressão, como as histórias em quadrinhos, ou os mangás. Publicamos neste número estudos que diretamente atendem ao objetivo primeiro da nossa proposta – o diálogo interartes – sem excluir aqueles que privilegiadamente destacam a função estética do texto literário, as questões relacionadas à identidade e aos problemas das sociedades em que vivem os autores.

Neste número estão jovens pós-graduandos, alguns de seus orientadores e estudiosos cujo trabalho já é bastante conhecido dos que militam na área das Letras. Para organizar os textos que recebemos, buscamos reuni-los em torno do viés temático predominante. Numa primeira seção, incluímos os textos que tratam especificamente da relação entre o texto literário e outras manifestações artísticas, sem deixar de aí se incluírem preocupações com questões identitárias e sociais. Numa segunda seção incluímos os trabalhos que estabelecem a relação entre literatura e ilustração, mas dão relevo a livros-álbum que denotam preocupação com o aprendizado da leitura e a formação do leitor, além de, o que é importante, apresentarem traços que os identificam com o literário. Para completar, estudos que discutem a não pouco abordada relação entre tradição e modernidade. A última seção – *Ler e depois* – contempla a resenha de Leonor Werneck dos Santos que apresenta um volume recentemente publicado, em que se dá a ler ao público uma obra fundamental - o mais novo volume da coleção dedicada à obra de Glória Pondé, uma das precursoras brasileiras dos estudos de literatura infantil e juvenil.



Coube a **Eduardo da Cruz** dar início a este volume, trazendo ao público contos da escritora portuguesa Ana de Castro Osório, cuja obra se publica entre as décadas finais do século XIX e das iniciais do século XX, levando em consideração a transposição de seus contos dos livros portugueses para o periódico *O Tico-Tico*, publicação infantil brasileira que circulou de 1905 a 1977, o primeiro a publicar histórias em quadrinhos no país e as ilustrações que os acompanham. Além desse aspecto, o crítico aborda com aguda percepção “o processo de travestismo adotado por algumas personagens dos contos infantis”. **Caroline Aparecida dos Santos Fernandes** nos traz a produção “plural” de Lourenço Mutarelli; para a estudiosa, essa produção “vai muito além do que configura a própria linguagem das histórias em quadrinhos, dialogando com a especificidade da imagem enquanto memória e receptáculo do anseio por permanência e negação da morte”. **Ana Lúcia Macedo Novroth** examina os processos de adaptação de *Morte e vida severina: auto de Natal pernambucano* (1955), de João Cabral de Melo Neto, para as obras homônimas do cartunista Miguel Falcão e do cineasta Afonso Serpa, investigando como os textos dialogam entre si, num processo intertextual e intermediático. **Catarina Gomes** propõe uma leitura da relação entre literatura e ilustração, considerando a releitura do escritor português Manuel António Pina para o conto *Chapeuzinho Vermelho*, na obra intitulada *Chapeuzinho Vermelho contada a crianças e nem por isso*, destacando a importância da ilustração e aliando o pictórico (seis pinturas a pastel da artista portuguesa Paula Rego) ao verbal, dois tipos de texto que dialogam entre si, numa relação de complementaridade, além “pensar” o belo e o grotesco, presentes na obra da artista plástica portuguesa. **Pedro Panhoca da Silva** busca apontar os elementos que auxiliaram a adaptação da obra *Helena* (1876), de Machado de Assis, publicada no folhetim *O Globo* (1876), para seu formato em mangá, produzido pela editora NewPOP (2014). Na sequência, **Maria Teresa Gonçalves Pereira** destaca a relevância de inclusão de textos de autores das literaturas africanas de Língua Portuguesa no acervo para crianças e jovens, à medida que o leitor se conscientiza dos elementos formadores de seu povo, o que contribui para a construção de sua identidade. “Mia Couto materializa essa vertente, conjugando tradição e modernidade, sob um tratamento poético da palavra cuja inventiva instiga o leitor.” Construindo um outro olhar sobre a produção literária brasileira para crianças e jovens, **Maurício Silva** se fundamenta em pressupostos da teoria pós-colonial e defende, para tanto, “a importância da incorporação da história e da cultura africana no plano da representação estética.” Em parceria, **Laura Emanuela Gonçalves Lima e Rita de Cássia Silva Dionísio Santos** nos apresentam um artigo em que divulgam o trabalho da folclorista e escritora mineira Alexina de Magalhães Pinto, cujo objetivo é “refletir sobre a validade dessas cantigas infantis em estudos da literatura infantil contemporânea, destacando a capacidade desses cantos de ensejar diversas formas de interpretações, desde o social e o político ao lúdico e o mágico”. Abrimos uma exceção para publicar nesta seção o trabalho de **Danielle Cristina Mendes Pereira Ramos**. Exceção porque a estudiosa nos apresenta um excelente trabalho, que privilegia o livro de um autor galego – Antón Fortes –, um livro ilustrado infantil sobre a temática do Holocausto, que gira “em torno de relações entre textos visuais e verbais e do conceito de Pós-Memória, buscando compreender diálogos da obra com a memória histórica e a arte, a partir do uso de estratégias de montagem”.

Sara Raquel Duarte Reis da Silva nos apresenta os livros-alfabeto, que integram a categoria dos livros-álbum, uma das mais antigas entre os livros destinados ao público infantil, dando destaque aos novos formatos, escritos e ilustrados Portugal, sublinhando que, para além do objetivo claramente didático do aprendizado das letras do alfabetos, apresentam outros traços que os identificam com o literário. **Dulce Melão** também enfoca os livros-álbum produzidos em Portugal, que têm sido crescentemente foco de atenção de educadores, “por promoverem interações profícuas e versáteis entre texto e ilustração, exigindo a participação dos leitores e estimulando a criatividade, bem como o amor pela leitura.” **Ana Margarida Ramos** e **Margareth Silva de Mattos** nos apresentam um texto escrito em parceria, para estudar três livros-álbum publicados em Portugal, no Brasil e na França, “construídos com base na recriação da diversidade paisagística, cultural e geográfica do mundo, a partir dos quais são propostas atividades de leitura passíveis de serem realizadas com crianças do 1.º ciclo do Ensino Básico (Portugal) e primeiro segmento do Ensino Fundamental (Brasil), tendo em vista a promoção da consciência intercultural.” É possível identificar em textos como esses que as duas autoras analisam, e aí se incluem, os dois anteriores, um diálogo entre o literário e o pedagógico, mas neles identificamos a preocupação com os aspectos literários que contêm. Nelly Novaes Coelho (e não só) afirmou que a escola é o locus privilegiado para o exercício da leitura (por óbvio) e a formação crítico-literária (esta, fundamental) do leitor. Daí que a preocupação com a leitura e a formação do leitor estejam tão visíveis nesses e em outros textos que ocupam este volume da *Metamorfoses*. É o que verificamos no texto também assinado em parceria por **Sandrelle Rodrigues de Azevedo** e **Hélder Pinheiro**, que discute a força com que o viés pedagogizante ainda vige na literatura infanto-juvenil, seja no âmbito escolar, seja no mercado editorial, em que o literário é obliterado pelo paradidatismo. **Patrícia Aparecida Beraldo Romano** se preocupa com as práticas de leitura e escolhe como objeto de seu trabalho a obra de Monteiro Lobato, estabelecendo um diálogo entre as cartas que leitores escrevem a Dona Benta, num processo em que realidade e ficção parecem se interpenetrar, sem que o leitores estabeleçam a diferença entre pessoa e personagem. **Roseli Meira Gomes Rocha** e **Adriana Maria de Abreu Barbosa** assinam um estudo que traz à leitura dois contos de Ana Maria Machado, propondo uma discussão entre o tradicional e o contemporâneo, “abarcando vozes femininas que transgridem ou reafirmam o pensamento patriarcal e revendo paradigmas socioculturais estabelecidos”.

Como pode confirmar-se, preenchem as páginas deste volume trabalhos bastante variados, que certamente contribuirão para a discussão de temas e problemas relacionados à literatura escrita para crianças e jovens. Agradecemos a todos aqueles que colaboraram para o sucesso deste número da revista *Metamorfoses*. Aos leitores, boa leitura.

Luci Ruas
Viviane Vasconcelos